



DIFERENÇAS II NO ESCURO

Museu abre percepção ao universo dos cegos

Espaço propõe a quem vê experimentar o rico mundo de quem vive na escuridão

Milena Morillo
LACON/COMUNICACAO
mlilena@uol.com.br

Imagine um lugar escuro. Escuro mesmo! Sem nenhuma fenda de luz. Você procura pontos de claridade e não encontra. Tanto faz os olhos estarem abertos ou fechados. Não sabe onde está tocando, andando e nem o que te espera no minuto seguinte. A comida está na mesa e você consegue sentir apenas o cheiro. É necessário adotar o café, atravessar uma ponte e subir uma escada sem usar a visão. Apenas uma pessoa vai te ajudar em todas essas tarefas e a relação de confiança entre vocês se transformará em um elo tão grande que muitos anos depois você ainda vai se lembrar

Campinas terá 1ª unidade permanente do projeto no Brasil

do nome dela. O seu guia — na realidade mais um anjo do que guia — é um deficiente visual. O mundo que pode parecer estranho e claustrofóbico para uns é a rotina de outros, e essa invenção de papéis é o objetivo do Museu do Diálogo, um sucesso no mundo todo que chega ao Brasil, em Campinas, no Galleria Shopping, com previsão de inauguração para o início de março de 2007, em parceria com o projeto Rodin.

O Museu do Diálogo é um espaço criado pelo filósofo e historiador alemão Andreas Heinecke e tem por objetivo fazer com que pequenos grupos visitem uma área completamente protegida da claridade. Nesses espaços foram aplicadas, em diversos ambientes, situações que provocam sensações de vento, cheiro, temperatura, sons, textura, entre outras, e a pequena expedição para o reencontro dos sentidos é comandada por um guia com deficiência visual em um passeio que pode durar até uma hora e 30 minutos.

Instalado inicialmente em Hamburgo, na Alemanha, com o nome Dialog im Dunkeln, hoje o projeto possui versão itinerante e já percorreu o mundo todo, sendo visitado por 5 milhões de pessoas. As instalações fixas ficam na Alemanha, Holanda, Israel, Itália, Austrália, e agora no Brasil, que já recebeu o projeto temporário em feiras do Rio de Janeiro e Brasília.

Heinecke, com um largo sorriso no rosto e impolgado com a construção de mais uma unidade do Museu do Diálogo, explica como foi a sua primeira relação com o escuro, carregado de bom humor e com uma mensagem de solidariedade e cidadania. "Meus pais apagaram a luz, se beijaram e então eu passei a existir no escuro, dentro da barriga da minha mãe. Passei 28 anos no escuro até conhecer um cego. Eu estava trabalhando como jornalista e tive a missão de alisar profundamente um deficiente visual. Nesse momento, entendi que precisava me colocar no lugar dele, viver suas experiências com o mundo e sensações totalmente desconhecidas para mim. Quando



Heinecke, criador do Museu do Diálogo, inicialmente instalado em Hamburgo, visita obras no Galleria Shopping



Visitantes são conduzidos por deficiente visual em busca de novas descobertas sensoriais em Brasília

Guia aposta na quebra de barreiras e criação de laços

A jovem Carla Gomes da Rocha, de 26 anos, nasceu com deficiência visual e enxerga apenas vultos. Hoje, ela é uma das coordenadoras da equipe de guias do Museu do Diálogo no Brasil. Realizou treinamentos em Brasília, onde trabalhou com recepcionista na mostra itinerante e, apoiada pelo projeto, seguiu para o Rio de Janeiro, dando continuidade ao trabalho. Com voz agitada e simpática, Carla diz que nesse espaço não há diferenças. "O objetivo do museu é criar um diálogo sem preconceitos entre o público e os deficientes visuais. Isso é muito construtivo para ambos, porque se cria um diálogo

sem barreiras, sem julgamentos e baseado na confiança", ressalta. "Trabalhar com a emoção das pessoas é algo incrível e a nossa descoberta e capacidade de passar segurança enquanto eles visitam o museu também, é muito construtivo, ninguém sai a mesma pessoa de lá. É uma bela vida. Todo mundo se encanta quando conhece essa nova maneira de ver a vida", diz. Carla virá para Campinas participar do treinamento da equipe que trabalhará no museu e se mostra animada em participar mais uma vez do projeto no qual se dedica hoje, espera que o público de Campinas e região aproveite para conhecer uma nova visão dos sentidos. (MM/AAAN)

mudar a perspectiva das pessoas e ao aprendizado social sobre a aceitação das diferenças. "Em Hamburgo, após dez anos de atividades do museu, uma pesquisa realizada com os deficientes visuais da cidade mostrou que as pessoas mudaram completamente de atitude em relação ao deficiente", diz Heinecke.

"Antes de você carregar um deficiente visual pelo braço com a intenção de ajudá-lo a atravessar a rua, pergunte antes se é isso que ele quer. Talvez ele esteja apenas esperando uma pessoa ou queira simplesmente ficar ali. O diálogo é o único meio capaz de estreitar a relação entre essas pessoas", explica.

Além de funcionar como uma ponte para estreitar as relações sociais, o museu também pretende gerar empregos para os deficientes da cidade, com carteira de trabalho assinada. No primeiro mês de funcionamento, os idealizadores do projeto esperam contratar 30 pessoas, com expectativa de público de 200 visitantes por dia. O horário de funcionamento será o do shopping e o museu venderá ingressos também por telefone, recebendo escolas e grupos de empresas que desejarem visitar o local. O espaço ainda conta com o apoio da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

fiz isso, abandonei o jornalismo e fui dedicado o meu trabalho à integração dos deficientes visuais. Este momento que mudou minha vida perdeu a visão em um acidente, mas era tão otimista que eu fiquei

completamente fascinado com essa maneira de enxergar a vida", disse.

Mudança de atitude
O alemão nascido em Baden-Baden agora dedica sua vida a

Diálogo contribui para mudar conceitos

Francês responsável por trazer ideia ao País diz que visita ampliou sua visão de mundo

"Quem furta o diálogo o temo para não correr o risco de perder alguma coisa. As coisas, os desencontros, a política, as guerras não têm outra origem a não ser esta, da fuga do diálogo." Esse é um trecho extraído do blog <http://diialogonoescuru.blogspot.com> e foi escrito pelo empresário francês Bernard Jean Kaplan, o responsável pela implantação do projeto Rodin, que visa a introduzir nos

espaços disponíveis nos shoppings do Brasil atividades socio-culturais, lúdicas e educativas, contribuindo para a educação do brasileiro no futuro. "Eu tenho a missão de integrar projetos culturais nos shoppings do País, que, diferentemente dos Estados Unidos, onde esses centros são estritamente comerciais, funcionam como ponto de encontro, são centros de compras, lazer e

convívio, não apenas comercial. Foi visitar o Museu do Diálogo em Hamburgo seguindo indicações. Minha experiência no lugar mudou a maneira como eu via a vida. Algo que todas as pessoas deveriam fazer e que de imediato pensei em trazer para cá", revela Kaplan. "Desde então, eu procurei um lugar para instalar o projeto do professor Heinecke definitivamente no Brasil. Avaliando

a população da Região Metropolitana de Campinas (RMC) e os investimentos necessários, concluímos que a região é favorável para a instalação do museu e o Galleria Shopping preenche todas as necessidades para receber um projeto deste tamanho. Vamos investir R\$ 1 milhão e as obras têm previsão de inauguração para março do próximo ano", diz. (MM/AAAN)